



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

SILVANA PEREIRA DA SILVA

**AVALIAÇÃO COMO UM ELEMENTO PARA O PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM**

ITAPORANGA - PB

2016

SILVANA PEREIRA DA SILVA

**AVALIAÇÃO COMO UM ELEMENTO PARA O PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Joseane Abílio de
Sousa Ferreira

ITAPORANGA – PB

2016

S586a Silva, Silvana Pereira da.

Avaliação como um elemento para o processo de ensino aprendizagem /
Silvana Pereira da Silva.– Itaporanga: UFPB, 2016.
38f.

Orientadora Joseane Abílio de Sousa Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade
à distância) – UFPB/CE

1. Avaliação escolar. 2. Aprendizagem. 3. Escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.091.26(043.2)

SILVANA PEREIRA DA SILVA

**AVALIAÇÃO COMO UM ELEMENTO PARA O PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância,
do Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: : _16___/_11___/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora: Joseane Abílio de Sousa Ferreira

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof.^a. Ingrid Karla Cruz Biserra

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a .Nayara Tatianna Santos da Costa

Prof. Convidado

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todos os meus Familiares e Amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força dada a cada momento de dificuldade;
Minha família de onde vieram carinho e compreensão nas horas difíceis.

“Avaliar é realizar um processo contínuo de aperfeiçoamento.”

LIBÂNEO

RESUMO:

O problema, que ora surge, é a dificuldade sentida pelo professor em realizar uma avaliação pautada em princípios formativos e qualitativos, em virtude do ciclo vicioso em realizar aquela avaliação pontual que funciona apenas com o princípio examinador. Sendo que o sentido próprio da avaliação é mostrar ao aluno e ao professor dados relevantes que consigam de forma processual e gradativa um significativo resultado. Assim o objetivo deste trabalho passa a ser refletir sobre a avaliação e a aprendizagem escolar apontando os princípios da LDB 9.394/96 e os pensamentos de alguns autores que escrevem sobre tal temática. Este trabalho terá como método de abordagem dedutivo, com método de procedimento monográfico e técnica de pesquisa de documentação indireta utilizando a pesquisa bibliográfica e que tem como fundamentação teórica os escritos de Hoffmann (2007), Luckesi (2003) Libâneo (2004) dentre outros. Realizar a avaliação da aprendizagem como um processo apenas normativo e de maneira padronizada para todos os alunos é deturpar o seu sentido e negar a sua riqueza. Portanto, justifica-se a necessidade de investigar a respeito de a avaliação da aprendizagem escolar deve-se ao fato desse ser um assunto pertinente para todos os profissionais da educação, pois essa é uma tarefa inerente à prática docente e precisa ser feita de forma consciente e bastante comprometida.

Palavras- Chaves: Avaliação. Aprendizagem. Escola. Aluno. Professor

ABSTRACT

The problem that, nevertheless arises, is the difficulty felt by the teacher in accomplish an evaluation guided by formative and qualitative principles, in virtue of vicious cycle on accomplish that evaluation punctual that function only like examiner principle. Being that the sense own of the evaluation is show to the pupil and to the teacher relevant data, that they will get of way gradually and procedural a significant result. So, the objective of that work pass be to reflect about the evaluation and the school learning pointing the principles of the LDB 9.394 / 96 and the thoughts of some authors who write about such thematic. This work will have like approach method deductive method, with method of monographic procedure and technique of research of documentation indirect using the bibliography research and who have like theoretical basis the writings of Hoffmann (2007), Luckesi (2003) Libâneo (2004) among others. Carry out the assessment of learning as a process just normative and of way standardized for all the pupils is misrepresenting its meaning and deny their wealth. Therefore, justified if the need for investigate about the evaluation of school learning must to the fact of this be a relevant subject for all education professionals, because this is a task inherent in teacher practice and needs to be done consciously and enough committed.

Keys-words: Evaluation. Learning. School. Pupil. Teacher

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1 ° CAPÍTULO.....	12
1.1 O PAPEL DO PROFESSOR AVALIADOR E MEDIADOR DA APRENDIZAGEM	12
1.2 CRITÉRIOS PARA UMA AVALIAÇÃO JUSTA.....	14
2º CAPÍTULO.....	17
2.1 A AVALIAÇÃO A SERVIÇO DO CONHECIMENTO.....	17
2.2 OS TIPOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM CONTEMPORÂNEA.....	22
3 METODOLOGIA.....	31
4 CONCLUSÃO.....	34
5 REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir sobre alguns aspectos da avaliação da aprendizagem escolar, apontando os princípios da LDB 9.394/96 e os pensamentos de alguns autores que escrevem sobre tal temática. É uma pesquisa bibliográfica e tem como fundamentação teórica os escritos de Hoffmann (2007), Luckesi (2003) Libâneo (2004) dentre outros.

A justificativa de investigar a respeito da avaliação da aprendizagem escolar deve-se ao fato desse ser um assunto pertinente para todos os profissionais da educação, pois essa é uma tarefa inerente à prática docente e precisa ser feita de forma consciente e bastante comprometida.

De acordo com Luckesi (2008, p.25) a avaliação passa a ser uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem na medida em que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu trabalho diário em sala de aula com os alunos. Nessa perspectiva compreende-se que no momento da avaliação o docente confere dados que sejam diagnósticos da situação do aluno em um contexto pedagógico e isso lhe fornece subsídios para programar estratégias de ensino e aprendizagem discente.

Libâneo (2004,p.33) afirma que ao se comprovar os resultados do processo de ensino evidencia-se o atendimento das finalidades do ensino e verifica-se as metas atingidas e fracassadas, o que favorece ao aluno uma atitude responsável em relação ao estudo, assumindo a necessidade de se qualificar de forma integral.

É por intermédio da avaliação que o docente tem um diagnóstico, o qual permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, terá como missão a construção e efetivação de metas e objetivos propícios ao melhoramento dessa situação.

Elaborar um trabalho sobre esse tema é de suma relevância para nossa formação profissional e a ampliação de nossos conhecimentos, contribuindo para a construção de nossa identidade docente.

Pensar sobre as características da avaliação é levar em consideração os princípios sugeridos na LDB 9394/96 que prescreve uma avaliação contínua, processual, levando em consideração os aspectos qualitativos em vez dos quantitativos.

No contexto da avaliação enquanto tomada de decisão, importante se faz ressaltar que:

Não se pode dizer que se avaliou porque se observou algo do aluno. Ou denominar por avaliação apenas a correção de sua tarefa ou teste e o registro das notas, por que, neste caso, não houve a mediação, ou seja, a intervenção pedagógica, decorrente da interpretação das tarefas, uma ação pedagógica, decorrente da interpretação das tarefas, uma ação pedagógica desafiadora e favorecedora e favorecendo à superação dos alunos. (HOFFMANN, 2009, p.14)

A aprendizagem não pode ser avaliada de forma quantitativa apenas como medição sem uma finalidade própria. A avaliação da aprendizagem é algo inerente ao processo pedagógico e deve levar em conta a diversidade dos alunos e seus variados saberes.

Ela deve orientar os educandos em seu processo formativo a tomar uma decisão em relação à situação atual de sua aprendizagem.

Libâneo (2004, p.33), aponta que a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente. É importante destacar que essa avaliação é algo previsto por lei e que deve ser feita de forma consciente e privilegiando a formação do aluno apontando suas falhas e colaborando para tal superação. É interessante ressaltar que a avaliação é uma tarefa complexa, que exige ética e responsabilidade e não se resume apenas à aplicação de provas ou trabalhos. Ela vai muito além e quando é bem realizada contribui para o crescimento do educando.

Concentrados, enquanto anotam em seus cadernos toda a matéria exposta. Na etapa da aprendizagem, os alunos fazem os exercícios em classe, mostram as lições feitas em casa e participam do desenvolvimento de projetos etc.

Assim, a avaliação da aprendizagem só pode acontecer se for relacionada com as oportunidades oferecidas, ou seja, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar.

A avaliação orienta o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática. Para o aluno é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas e dificuldades. Para a escola, torna possível definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

1º CAPÍTULO

1.1 O PAPEL DO PROFESSOR AVALIADOR E MEDIADOR DA APRENDIZAGEM

Avaliar se refere a qualquer processo por meio do qual alguma ou várias características do aluno recebem atenção de quem avalia.

Na linguagem cotidiana se atribui ao verbo avaliar o significado de estimar, calcular, taxar, valorizar, apreciar ou apontar o valor, atribuir valor a alguma coisa. A operação de avaliar algo ou alguém consiste em estimar seu valor não material. Na prática cotidiana dominante, o significado de avaliar é menos polissêmico: consiste em classificar os alunos e aplicar provas para obter informação a partir dos quais se atribuirão essas classificações (Gomez, 1998, p. 63).

Concordo com o referido autor quando ele diz que a concepção que o professor, em sua prática cotidiana, tem a respeito do que seja avaliar é limitada a atribuir notas e classificar os alunos. Pois isso deturpa o sentido da avaliação. Avaliar é um termo amplo de sentido e se configura como um momento oportuno para que o professor reflita sobre sua prática frente a aprendizagem dos alunos.

Sabendo disso, é preciso que o docente sinta a necessidade de entender e refletir sobre as diferentes formas de avaliar, para só assim modificar as práticas pedagógicas de forma consistente, construindo uma relação professor - aluno que contribua para o sucesso dos alunos.

A avaliação da aprendizagem consubstancia-se no contexto próprio da diversidade. Então, é preciso ficarmos certos de que os alunos tem maneiras de aprender diferentes. Uns aprendem mais rápido, outros com mais dificuldade, mas todos devem ter a mesma atenção. (HOFFMANN, 2005, p.31).

É preciso ter clareza de que as aprendizagens os alunos são de dimensões diferentes para se realizar um trabalho eticamente responsável. A agressividade, apatia, desinteresse, agitação ausência e muitas outras questões não explicam nem justificam problemas de aprendizagem na escola.

É difícil percorrer todos os temas subjacentes à discussão da avaliação, visto que, essa modalidade possui uma enorme polissemia de sentidos. Cada educador define sua maneira de avaliar mediante sua concepção pedagógica. É procedente afirmar que a avaliação toma uma nova roupagem nesses últimos tempos onde é fértil o debate sobre essa temática. O tom à

avaliação quem vai dar é o docente que está aplicando-a constantemente na sua prática diária.

O cenário criado pelo educador, o tom afetivo ou agressivo na condução dos trabalhos, os tempos destinados às situações, os recursos disponibilizados e outros aspectos podem ser diretivos e limitadores das respostas dos alunos, ou ao contrário, provocativos à aprendizagem Hoffmann (2005, p. 89).

Como sugere a autora o aluno é sujeito do seu processo de conhecimento e agente de uma avaliação que pode ser estimuladora de sua aprendizagem ou limitadora, inibidora da sua vontade de aprender. Essa dicotomia está diretamente ligada à metodologia do professor. Essa por sua vez tem papel decisivo no processo ensino aprendizagem.

Muitos processos avaliativos autoritários acabam decorrendo no silêncio dos alunos que ficam assustados e sentem-se ameaçados em expor sua criatividade espontânea. As práticas avaliativas podem gerar climas, tensões e contribuir para que professores e alunos se tornem inimigos. Sabendo que esse contexto aqui caracterizado pode ser inútil e destrutivo para o bom desempenho do aluno.

Segundo Hoffmann (2009, p.36) em sua concepção behaviorista de aprendizagem, muitos profissionais partem de pressupostos de qualquer assunto poderia ser ensinado a qualquer aluno, desde que com certa competência, independente de sua idade ou estágio de desenvolvimento.

A aprendizagem, bem como a avaliação, deve ser atraente para o aluno, que se mobiliza para aprender algo que lhe interesse. O ensino só se consoma se houver uma aprendizagem realmente efetiva. Não adiante aplicar a prova somente para cumprir uma determinação do sistema escolar. O professor deve ter em mente que ao avaliar o aluno sua prática pedagógica também está sendo submetida ao crivo avaliativo.

Para Hoffmann:

A avaliação é substancialmente, reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com um mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo pensar e agir. (2009, p.12).

Nas nossas práticas enquanto professores, percebemos a necessidade de repensar e resignificar o modo de avaliar os alunos e a nós mesmos. A avaliação é algo que tem um enorme interesse pela parte dos docentes visto que, esse tema seja pertinente nas pautas de vários educadores em todo o mundo.

1.2 CRITÉRIOS PARA UMA AVALIAÇÃO JUSTA

Para realizar uma avaliação que seja de fato justa e igualitária é importante em primeiro lugar estar aberto ao novo, nunca pensar que sabe tudo. Dessa forma o docente vai investigar novas saídas para avaliar seus alunos no contexto da sala de aula sempre tendo em vista que cada aluno trás de casa a sua visão de mundo, seu saber prévio elaborado e isso não pode ser ignorado pelo professor.

O grande equívoco é não refletir acerca dos critérios implícitos a qualquer prática avaliativa que se faça sobre os estudantes. Se o professor for rígido, autoritário, não entender a posição do aluno vai ocorrer o fracasso escolar ou a evasão. Nenhum aluno sabe tudo ou ignora tudo; e por esse motivo os professores devem estar abertos ao diálogo e não por em prática ações autoritárias. O saber escolar é algo construído mutuamente.

É injusto e cruel nosso país perpetuar o fracasso escolar a partir de parâmetros avaliativos saudosistas e ultrapassados de escolas ou professores, inadequados em relação aos avanços teóricos, exigentes em demasia no que se refere às faixas etárias da população estudantil e, por decorrência, elitistas e excludentes (HOFFMANN, 2009, p.28).

Pelo que afirma a autora um dos resultados do fracasso escolar em nosso país é resultado de um sistema de avaliação excludente e muito exigente que não leva em conta as faixas etárias e os níveis diferenciados de aprendizagem de cada aluno. Não se pode avaliar a todos os alunos na mesma medida, pelo fato de que todos possuem níveis de desenvolvimento cognitivo diferentes e a avaliação deve atentar para esse fato. A negação desse aspecto pode ser destrutiva para o aluno que acaba desistindo de estudar ou então ficará retido em uma mesma série, vários anos consecutivos.

O papel do professor é fazer leituras positivas da aprendizagem estudantil, enriquecendo cada vez mais o currículo da escola no sentido de contribuir para uma formação sólida dos alunos. Toda análise feita em relação aos alunos é provisória. E além do mais as respostas que os alunos constroem são pontos de partida para novas e mais complexas questões. O acompanhamento do aluno deve ocorrer ao longo do tempo e em atividades escolares múltiplas de modo a promover a sua superação em termos intelectuais e de relações afetivas.

Nos diversos momentos do processo avaliativo existe a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa, e uma das primordiais tarefas da avaliação da aprendizagem é fazer o diagnóstico da turma.

A função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. Na prática escolar cotidiana a função de diagnóstico é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico- didática. Ela ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas (LIBÂNEO, 1994, p. 197).

Dessa forma fica claro que fazer o diagnóstico é uma das funções primordiais da avaliação da aprendizagem na escola. Fazer o diagnóstico significa observar os alunos para verificar em que estágio eles estão no desenvolvimento de suas aprendizagens. É fazer uma observação para ter um parecer sobre os alunos e sobre suas aprendizagens, isso se configura como algo importante e de especial relevância nos processos de ensino e de aprendizagem.

O bom seria que o professor acompanhasse cada aluno individualmente, fazendo avaliação constante do progresso do aluno, de suas dificuldades, providenciando, a cada momento, a revisão e a recuperação de conteúdos não assimilados. Não se pode, em hipótese alguma, desconsiderar as dificuldades dos alunos. É preciso que o docente elabore estratégias para sanar as incertezas e dúvidas dos estudantes, oferecendo chances para que ele realmente aprenda os conteúdos veiculados em sala de aula.

O entendimento correto da avaliação consiste em considerar a relação mútua entre os aspectos quantitativos e

qualitativos. A escola cumpre uma função determinada socialmente, a de introduzir as crianças e jovens no mundo da cultura e do trabalho; tal objetivo social não surge espontaneamente na experiência das crianças jovens, mas supõe as perspectiva traçadas pela sociedade e um controle por parte do professor. (LIBÂNEO, 1994, p. 199)

De acordo com as palavras do autor é certo dizer que a avaliação está inter-relacionada com os outros aspectos da aprendizagem e tudo tem a ver um com o outro fazendo e tornando um todo significativo. A razão de avaliar deve ser explicitada nos objetivos de ensino e tudo que o professor faz deve ter uma justificativa em relação ao bem estar do aluno.

A concepção que os alunos têm sobre a avaliação influencia muito na sua reação diante das atividades avaliativas em sala de aula. É comum ouvir relatos de alunos que ficam ansiosos, nervosos e apreensivos na hora da avaliação. Isso ocorre devido ao entendimento que eles têm acerca dessa prática escolar, pois eles percebem a avaliação como algo classificatório, decisivo e que amedronta. Esse fato pode colaborar negativamente para os sucessos desses alunos mediante a aprendizagem. Muitas vezes o aluno sabe todo o conteúdo, domina facilmente as questões, mas na hora da avaliação ele fica bloqueado psicologicamente, “dá o branco “ e o aluno acabava tendo insucessos nessa atividade.

E vale ressaltar que o entendimento que o professor tem sobre a avaliação determina a sua prática em sala de aula. Alguns docentes entendem a avaliação como algo para castigar o aluno, outros percebem essa ação como algo para medir o conhecimento do aluno e já em última instância há aqueles que fazem da avaliação um diagnóstico para seu planejamento.

Com certeza, pode-se afirmar que a visão do professor sobre a avaliação vai determinar diretamente a sua maneira de elaborar as questões, de promover as atividades, e principalmente, de atribuir às notas ou os pareceres.

É evidente que refletir na prática avaliativa em uma escola possui diversas dimensões, pois o ato de ensinar implica necessariamente em se obter um retorno da verdadeira aprendizagem. Dessa forma a avaliação tem um relevante significado na prática docente e ela tem variadas funções e definições.

Existem no Brasil diversos mecanismos para avaliar a qualidade do ensino e a aprendizagem dos alunos. O MEC criou o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a Prova Brasil, o IDEB, enfim uma porção de indicadores para verificar o rendimento dos alunos brasileiros e a competência desses em relação aos conteúdos estudados. Sem falar que cada escola sai beneficiada se o número de evasão e reprovação for reduzido.

Esses são requisitos próprios para estabelecer vínculos de precisão entre o que os alunos aprendem e o que a escola ensina. E não para por aí, pois se um aluno deseja ingressar em uma boa universidade ele tem que passar no vestibular que consiste em um processo seletivo muito concorrido onde só passa quem realmente domina os conteúdos estudados em sala de aula.

2º CAPÍTULO

2.1 A AVALIAÇÃO A SERVIÇO DO CONHECIMENTO

Um primeiro princípio que norteia a prática avaliativa é que ela está primordialmente a serviço do conhecimento. Ela se configura no sentido de compreender os fatos para tomar uma decisão a respeito das necessidades dos alunos mediante determinado conteúdo. Esse princípio estabelece a contraposição entre uma concepção classificatória de avaliação na qual se julga os resultados e uma concepção de avaliação contínua, mediadora.

Nas últimas décadas as críticas exacerbadas sobre o papel de controle da avaliação conduziram educadores a discussões centradas no seu papel ideológico e político, e apressadas e superficiais no que se refere a real mudança da situação. Isso quer dizer que muito se tem discutido sobre haver inovações na maneira de avaliar, porém nenhuma mudança tem sido feita no sentido de ter uma outra forma de registrar as habilidades conseguidas na escola. Na verdade, estamos distantes de perseguir, em nossas escolas, as

tendências teóricas contemporâneas em avaliação, principalmente no ensino fundamental.

Nada mais natural que se perceba a inquietude dos educadores frente a essa tendência contemporânea da avaliação. Em primeiro lugar, porque nega a tradicional dicotomia educação e avaliação. Muitos professores se vangloriaram, nas últimas décadas, de “dar excelentes aulas”, a alunos que, “por problemas deles”, nada aprenderam. Uma nova concepção de avaliação aponta para o compromisso do professor e da escola com tais resultados. O fracasso dos alunos passa a ser interpretado como o fracasso do professor e da instituição de ensino.

É essencial que o professor discuta conteúdos, métodos e procedimentos de ensino e saiba adequá-los ao seu aluno. É necessário que compreenda o processo de construção social do conhecimento e perceba as origens da situação de crise em que vivemos, reconhecendo as causas da manutenção de uma ordem social tão perversa. A sociedade é formada de sujeitos que estão matriculados na escola e cabe a esta instituição de ensino conscientizar os alunos para que estes sejam seres e cidadãos críticos e reflexivos capazes de respeitar seus direitos e deveres.

A transformação da prática avaliativa exige de todos (agências formadoras, órgãos oficiais de educação, escolas, professores e sociedade) a humildade de se reconhecerem “principiantes” na questão de uma prática avaliativa mediadora e promotora do desenvolvimento do educando. Humildade que gere uma integração efetiva de todos para enfrentar o mito da avaliação na escola brasileira.

Para tornar a avaliação mais consistente e mais justa, o professor deve assegurar a realização de várias verificações parciais antes de uma prova final do bimestre. A atribuição de nota somente após dois meses de aulas é uma prática inadequada, pois não reflete o progresso do aluno nas múltiplas formas de manifestação do seu rendimento escolar que se verificam do decorrer das aulas (LIBÂNEO 1994, p. 217): .

Segundo o autor a avaliação não poderá ser pontual, estática e ter dia marcado. Ao contrário a avaliação precisa ser contínua e estar sempre verificando o crescimento do aluno no decorrer dos dias letivos. Não se pode deixar para avaliar o aluno após algumas aulas. Cada vez que o professor passar um conteúdo ele deve verificar e observar se o aluno conseguiu se apropriar daquele saber elaborado.

A observação está sujeita á subjetividades do professor e, portanto, a erros de percepção e à tendenciosidade. Por essa razão não se deve tirar conclusões na base de ocorrências esporádicas e de julgamentos apressados. Da mesma forma, devem-se evitar interpretações preconceituosas a de cunho psicológico como: “criança mimada, criança bloqueada, criança agressiva, criança imatura etc”. Há crianças que se comportam assim, mas a tendência do professor é ver esses comportamentos como estáticos e estereotipados, como marcas definitivas do individuo, sem considerar os condicionantes econômicos e socioculturais que estão por trás deles e sem levar em conta as possibilidades de que sejam modificados pela ação pedagógica e pela própria reação das crianças. A observação pode ser bem elaborada e bem empregada quando atende a objetivos claros e precisos.

Não podemos refletir comentários sobre a avaliação sem discorrer a respeito da prova que é uma constante na vida escolar dos alunos. As provas são instrumentos de verificação dos resultados dos processos de ensino e de aprendizagem, com o objetivo de avaliá-lo. Portanto, a avaliação não se reduz às provas do final de bimestre e do ano letivo, e nem à simples atribuição de notas. Por isso mesmo, a finalidade não é aprovar ou reprovar, dar nota alta ou baixa. Trata-se de um processo de acompanhamento sistemático do desempenho escolar dos alunos em relação aos objetivos, para sentir o seu progresso, detectar as dificuldades, retomar a matéria quando os resultados não são satisfatórios.

O apego às notas, além da familiaridade com esse sistema, tem a ver antes de tudo com o sentimento de que são indicadores claros e preciso das chances de êxito escolar: se as notas são boas, é porque “ as coisas vão bem”, mas

mesmo assim é preciso manter-se atento; se elas baixam, há contatos com os professores, vigilância mais estrita das saídas, das diversões, dos deveres, ou outras formas de pressão. Se as notas ficam muito tempo a baixo da média é o conjunto de atitudes drásticas: repreensões, castigos, aula particular, psicólogo, transferência de escola (LIBÂNEO, 1994, p. 217):.

A avaliação nessa perspectiva, está intrinsecamente ligada à concepção de ensino aprendizagem, e das ações didáticas desenvolvidas em sala de aula. O primeiro ponto que deve ser compreendido, quanto ao processo de avaliação, é que o ato de avaliar, não deve ser apenas o de julgar os erros e acertos do aluno.

Para Luckesi (1999, p.58),

“ [...] sobre o insucesso ou o erro, aprendemos a retirar dele os melhores e os mais significativos benefícios, mas não fazemos deles, uma trilha necessária de nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir.”

A escola tornou-se uma instituição que gasta mais tempo dizendo o que os alunos sabem do que os fazendo avançar. O desafio é fazer da avaliação um verdadeiro instrumento a serviço das aprendizagens. É preciso que o professor esteja bem preparado para compreender os obstáculos e as resistências às aprendizagens, para avaliar de maneira mais precisa tanto as aquisições e os erros quanto as maneiras de aprender.

Não basta que os alunos não sejam reprovados na escola. Importa que aprendam para que possam ocupar um lugar na sociedade e nela atuar como seres capazes de construir sua aprendizagem. A avaliação ajuda alunos e professores em seu trabalho de ensino e aprendizagem para assegurar o cumprimento do direito à educação de todo cidadão.

Alunos e professores devem encarar a avaliação como uma aliada no processo de ensino e aprendizagem. Uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento para que o educar saia mais qualificado. Para isso é preciso também que o docente faça a sua parte e planeje ações avaliativas que não amedronte os alunos. A dinâmica da avaliação da aprendizagem é complexa,

pois é preciso acompanhar os percursos individuais que se constituem no espaço escolar.

A avaliação para ser formativa deve ser realizada ao longo do processo de ensino-aprendizagem e corresponde a uma concepção de ensino que considera que aprender é um longo processo por meio do qual o aluno vai reestruturando seu conhecimento a partir das atividades que executa. A avaliação deve focar o caráter dinâmico e não linear da aprendizagem. Considerando que a avaliação tem por objetivo acompanhar a aprendizagem do aluno, os resultados devem oferecer diagnósticos mais concretos que permitam intervenções pertinentes.

A avaliação é também um diagnóstico preciso para avaliar os esforços do professor. Ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos, obtém informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho.

A avaliação escolar é um processo contínuo que deve ocorrer nos mais diferentes momentos do ensino e aprendizagem. A verificação e a qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas, visam sempre diagnosticar e superar dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se aos estudos (LIBÂNEO, 1994, p. 203)

Isso demonstra que a avaliação não pode ser vista de forma pontual, conclusiva e sendo sinônimo de medida. Sua riqueza está no fato dela ser por excelência algo contínuo, propício à reflexão e mudanças que serve para enaltecer o crescimento dos alunos e demonstrar os resultados do projeto docente. Portanto ela é uma via de mão dupla, servindo tanto ao educando, quanto ao educador.

Outro aspecto a ser levado em consideração é a diversidade da avaliação. Sendo assim é necessário refletir sobre o fato de que mesmo o educador trabalhando com muitos alunos, sua relação no processo avaliativo, será estabelecido estabelecerá de forma diferente com cada um deles. É a

ação pedagógica de forma consciente e mediadora que o professor estará influenciando e melhorando as capacidades individuais de cada aluno em particular.

Hoffmann (2009, p.21)) defende que qualquer proposta pedagógica de não reprovação, não pode ser entendida pelos professores como uma proposta de não avaliação. Porque se percebe que se entende proposta de progressão continuada como total eliminação da prática docente.

2.2 OS TIPOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM CONTEMPORÂNEA

Os educadores através dos tempos se esforçam em definir os problemas, relativos à avaliação, constantemente buscando soluções que favoreçam mudanças em todo o sistema avaliativo. Como toda mudança exige trabalho, convicção, suporte e tempo.

A busca dessas soluções muitas vezes são frustradas por correntes mais conservadoras “amarradas” a métodos tradicionais. Mas ao mesmo tempo encontram terreno fértil nas ideias que promovem uma educação menos arcaica, e mais acolhedora.

De acordo com Hoffmann (2009, p.14) hoje o fenômeno avaliação é indefinido, usando termos com diferentes significados relacionados à prática avaliativa tradicional, onde o ato de atribuir nota é avaliar e o registro das notas denomina-se avaliação.

Assim, partindo desse contexto, educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos no processo educativo. É, portanto, necessária à tomada de consciência e a reflexão a respeito dessa compreensão equivocada de avaliação como julgamento de resultados. Avaliação é essencial à educação e indissociável enquanto concebida como problematização, é problematizar o mundo em que vivemos para superar contradições.

Portanto, avaliar consiste em fazer um julgamento sobre resultados, comparando o que pretendia alcançar. Cada definição de avaliação tem postura filosófica adotada.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994, p.195)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A avaliação é compreendida como: elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de ações que busca obter informação sobre o que foi aprendido e como; elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; ação que ocorre durante todo o processo, ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho. (BRASIL, 2001, Introdução, p. 81)

Para Luckesi:

A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação para então, ajuizar sua qualidade, tendo em vista dar suporte de mudança se necessário. (LUCKESI, 2008, p.172)

Analisando a questão da avaliação, verifica-se que: a avaliação jamais deveria ter o caráter punitivo mensurador de informações, classificatório, pois só reforça o fracasso, a incapacidade, a incompetência, criando no aluno, desde cedo, a impressão de ser inferior e submisso. A avaliação deve refletir a permanência do aluno na escola e seu crescimento; a avaliação deve se colocar no sentido de reflexão, construção do processo, tendo em vista o ponto

de chegada. A avaliação possibilita identificar as dificuldades, suas causas e o estabelecimento de estratégias de superação; a avaliação permite que a escola reflita sobre sua ação e encontre soluções para o aluno continuar avançando. Muitas vezes a própria escola mascara a existência de diferentes classes sociais com os discursos de igualdade, a prática da homogeneização, esquecendo que as experiências vividas pelos alunos provocam o desenvolvimento de habilidades e a produção de conhecimentos diferentes e que, por isso, requerem também condições diferentes de avaliação.

A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar, por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. (...) A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte do seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível. (LUCKESI, 2008,p.118)

A avaliação consiste em verificar continuamente o desempenho através de posições previamente organizadas. Os educadores devem ter limites para utilizar a avaliação como um verdadeiro e poderoso instrumento do respeito mútuo, de igualdade de intelecto, independente de classe social, de cor, raça ou religião.

A escola, como uma instituição pertencente ao sistema educacional, reflete em sua estrutura administrativa e pedagógica, as orientações legais vigentes.

A legislação apresenta no seu texto explicações quanto aos seus fundamentos que embasam a determinação do conjunto de normas existentes no espírito da lei, sendo possível pela análise dos seus vários artigos, explicitar a teoria que inspirou e orientou a sua elaboração.

Ao longo do tempo houve mudanças quanto à concepção de avaliação subjacente à legislação quando vemos que sempre se usaram provas, testes e questionários para avaliar e hoje a avaliação é um instrumento usado para

julgar o desempenho do aluno, de forma ampla e contínua, visando uma aprendizagem efetiva e significativa.

Neste capítulo abordamos os vários tipos de avaliação que ocorrem na educação: a tradicional e a construtivista numa visão contemporânea subsidiada pela avaliação mediadora e dialógica, ambas entrelaçadas com a função diagnóstica.

A avaliação tradicional é usada em caráter controlador e punitivo, onde todo o poder e sabedoria esta centrada no professor, centro de todo processo nessa perspectiva.

Essa avaliação ocorre no momento em que o aluno é passivo só recebendo saberes pré-elaborados, normalmente após certo período, ou seja, bimestres onde os professores aplicam testes ou provas, tendo o aluno já decorado o conteúdo programado, atingindo assim o objetivo do professor.

O trabalho do professor consiste na elaboração de provas, questionários ou testes objetivos para estar avaliando seus alunos e raramente utiliza ações alternativas.

Essas provas, questionários e testes são elaborados e baseados em algumas variáveis: conteúdos ministrados, conteúdos não ensinados, o humor do professor de acordo com a turma ou aluno. Após ser elaborada, a prova ainda recebe um último toque, quando o professor cria algumas dificuldades a mais, chamadas pegadinha.

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido. (LUCKESI, 2008, p.85)

Luckesi, alerta também para o ponto em que o professor possa atuar autoritariamente, sobre os alunos, desde que os exames funcionem como arma disciplinar, para exercer um controle sobre mesmos.

Não tenho dúvidas sobre o potencial transformador da avaliação, na medida em que sua função é subsidiar a busca dos resultados mais satisfatórios possíveis. É preciso criar em nós professores uma cultura da avaliação por oposição a uma cultura dos exames arraigada em nossas experiências. (LUCKESI 2008, p.44)

Luckesi (2008, p.33) entende que:

(...) avaliação pode ser caracterizada como uma forma por uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-la ou para transformá-la. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tenso em vista de decisão.

A avaliação tradicional e classificatória está presente de forma marcante em nossa sociedade, um dos motivos que justifica a inovação quanto às práticas avaliativas e a escola defende sua estagnação apontando a resistência das famílias dos alunos em relação às práticas inovadoras.

A crença popular, conforme aponta é que os educadores se tornam menos exigentes ao adotarem uma determinada prática de avaliação e as escolas deixam de oferecer um ensino competente ao desligar-se dos modelos tradicionais. Assim, a avaliação tradicional é tida como pressuposto de uma escola competente, exigente, rígida e detentora do saber, que no entanto “não encontra respaldo na realidade com qual nos deparamos neste momento”.(HOFFMANN, 2009, p.13).

Para Hoffmann (2009, p.57) a prática avaliativa classificatória considera as tarefas de aprendizagem a partir de uma visão linear, sem considerar a gradação das dificuldades naturais nas tarefas que sucedem.

A avaliação tradicional é uma prática pedagógica ultrapassada, sua função é servir a não transformação social, mantendo as coisas como estão, inalteráveis, seres não críticos totalmente movidos de ação mecânica.

A avaliação deve envolver momentos de diagnóstico e de acompanhamento do processo educativo, o que permite conhecer a realidade para a qual se formula um projeto pedagógico e realizar os ajustes necessários ao seu sucesso.

A primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 2008, p. 81)

Nesse sentido, não basta apenas aplicar provas e atribuir notas ou conceitos, é preciso analisar as respostas dadas pelos alunos. Esse procedimento, se realizado em conjunto com os educandos, possibilita não apenas o diálogo sobre erros e dificuldades de aprendizagem, mas a reflexão sobre os processos percorridos pelo aluno na construção do conhecimento. Avaliar a aprendizagem implica avaliar o ensino oferecido. E mais que isso, é preciso dar voz aos agentes envolvidos nesses processos de ensino e de aprendizagem.

Freire nos orienta:

A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com. (FREIRE, 1996, p. 116)

Diante disso, HOFFMANN sugere:

Para se construir uma avaliação que possa privilegiar o aprender e conseqüentemente o processo em que o mesmo se estabelece, em que o mesmo se estabelece, em detrimento do aprendizado gerado apenas como um produto, a partir de uma visão dialética de conhecimento, o processo avaliativo de seguir dois princípios básicos: o da provisoriidade e o da complementaridade. (HOFFMANN 2009,p.33)

O processo avaliativo deve, além dos resultados sobre a aprendizagem dos alunos, possibilitar que o professor verifique se os objetivos propostos no planejamento estão sendo atingidos. Cabe ao professor despertar nos alunos a paixão pelo conhecimento, pelo aprendizado, para que gere prazer.

A aprendizagem significativa como aquela que ocorre a partir da compreensão pessoal por parte de quem aprende, possibilitando a reconstrução de conceitos que ampliam a capacidade de aprender cada vez mais, o que desencadeia uma atitude positiva e proativa diante da vida. (FREIRE1996, P.112)

Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel, terá que estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social. O professor deverá rever sua prática, pois ela não é neutra. Para que isso ocorra é necessário assumir um posicionamento pedagógico claro e explícito, para que possa orientar o planejamento, a execução e a avaliação da aprendizagem.

A avaliação deve acompanhar o percurso e sinalizar novos caminhos, não mais ser vista como “arma” que minimiza o progresso e elimina a autenticidade dos envolvidos. Todo processo de avaliação deverá encaminhar o aluno por trilhas seguras, onde mesmo “errando” poderá perceber que é capaz de acrescentar, amadurecer e acertar.

A avaliação como instrumento educacional sofreu grandes mudanças no decorrer do tempo, pois esta deve estar sempre ligada ao desempenho do

aluno no seu dia a dia, num processo contínuo que subsidia a tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico não para decidir quem será excluído.

A avaliação construtivista no processo de construção do conhecimento vem promover a democratização do ensino, e basicamente o processo de valorização do indivíduo.

Na avaliação construtivista, o avaliar consiste em definir dados sobre o aspecto de obter evidências sobre as mudanças do comportamento ocorridas no aluno, em decorrência da aprendizagem.

A avaliação construtivista caracteriza-se por num momento de reflexão crítica e tomada de decisões, buscando conhecer, diagnosticar a verdade, o avanço, através do confronto entre os objetivos a serem alcançados, sobre os quais o professor mediador deve ter muita clareza da trajetória já percorrida pelo aluno. Tudo isso intermediado pelo fator tempo presente na escola.

A avaliação construtivista, em si, visa à construção do pensamento, do conhecimento, da autonomia, da liberdade e da criatividade, proporcionando oportunidade ao aluno de refletir sobre o conhecimento adquirido e reorganizá-lo de forma mais ampla buscando o desenvolvimento de suas potencialidades.

O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, transformação... o que implica num processo de interação educador e educando, num engajamento pessoal a que nenhum educador pode se furtar sob pena de ver completamente descaracterizada a avaliação em seu sentido dinâmico (HOFFMANN,2009 p. 110).

Portanto, a avaliação construtivista em uma perspectiva transformadora, busca uma escola democrática, que favoreça não só o acesso das camadas populares, mas, acima de tudo, a sua permanência no sistema de ensino. Articulando a avaliação a um projeto educacional para formação do aluno como cidadão crítico, participativo e autônomo, cuja apropriação significativa e efetiva do conhecimento constitui o objetivo do processo ensino-aprendizagem, reconhecendo o aluno e o professor como sujeitos socioculturais dotados de

identidade própria, com gênero, raça, classe social, visões do mundo e padrões culturais a serem levados em consideração em práticas docentes e avaliativas.

3º METODOLOGIA

A pesquisa é uma forma de investigação, feita para ampliar o conhecimento, é uma descrição minuciosa e rigorosa do objeto de estudo. Apresentamos neste capítulo o detalhamento da realização da pesquisa, apresentando, de forma detalhada, as instituições, da pesquisa, o método, os sujeitos e os instrumentos para a realização da pesquisa, bem como detalhamentos o campo de pesquisa, onde ocorreu a coleta da dados, referente, ao estudo sobre a avaliação da aprendizagem Infantil.

Visando um melhor entendimento do objeto de estudo, realizaremos a pesquisa em duas realidades diferentes da Educação Infantil. Em um primeiro momento, o dado será coletado na Creche Municipal “mãe Nanzinha”, localizada em área residencial, na Rua João Pedro das Neves, no centro da cidade de Bonito de Santa Fé, PB. A instituição apresenta uma boa infraestrutura, com espaço para as crianças fazerem recreação. Sua estrutura física se apresenta da seguinte forma: 04 salas de aulas, sala de leitura.

Sobre a descrição e caracterização da escola, destacamos que o corpo administrativo da creche conta com uma diretora, secretária, supervisora e orientadora. Já o corpo docente é composto por oito professores no maternal I e II. A unidade ainda dispõe de duas merendeiras, um vigilante e três agentes de serviços gerais, e dois cuidadores de creche. A creche tem um público de 150 crianças com idade entre dois e quatro anos em tempo integral: duas turmas de maternal I; duas de maternal II, duas de pré I e duas de pré II.

O planejamento é realizado a cada 15 dias e é norteado pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) e pelo Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI).

Em um segundo momento, a pesquisa foi feita na escola municipal “Professor Mozart Rodrigues”, localizada na Rua João Pedro das Neves, centro de Bonito de Santa Fé, Paraíba.

A instituição apresenta uma infraestrutura apropriada, distribuída em seis salas de aulas amplas, banheiros apropriados para crianças, sala de professores e pátio para as crianças brincarem. O corpo administrativo da

escola conta com a diretora e uma vice-diretora, secretária, supervisora, orientadora e professores.

A instituição atende 390 crianças com idade entre cinco e quinze anos de idade e funciona nos três turnos: dois turnos composto de turmas do fundamental I e a noite turmas do fundamental II.

O planejamento é realizado a cada 15 dias e é norteado pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. A pesquisa se caracteriza como pesquisa de campo sob uma abordagem qualitativa. De acordo com (Lakatos e Marconi 1991, p. 186):

Pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se quiser comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as reações entre eles.

A referida pesquisa com abordagem qualitativa descritiva, busca dessa forma descobrir como si dá a avaliação nas salas de Educação Infantil.

Para Neves (1996,p.1) esse tipo de pesquisa qualitativa é [...] um conjunto de diferentes técnicos interpretativos que visam a descrever e a codificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa destacamos que esta permite realizar o registro preciso e detalhado do que acontece no lugar, possibilitando ao pesquisador, fazer uma pesquisa do objeto a partir dos dados colhidos entre os professores.

Segundo (Chizzotti, 2006,p.1). “O termo qualitativo implica uma” partilha densa, com pessoas, fatos e locais que contribui objetos de pesquisa, para extrair desse convívio o significado visível e latente de caráter investigativo deixa os entrevistados pensarem livremente sobre o tema em questão, possibilitando ao pesquisador fazer uma análise do objeto de estudo a partir dos dados coletados entre os profissionais.

Esse trabalho de pesquisa se afirma dentro do paradigma qualitativo sendo realizado por meio de métodos descritivo, onde utilizaremos como instrumento de pesquisa um questionário semiestruturado contendo questões subjetivas, de forma a proporcionar liberdade de comunicação. Esse questionário foi dividido em dois momentos, o primeiro destaca o perfil do sujeito pesquisado e o segundo, aborda o tema em estudo que visa sobre a avaliação da educação Infantil composto por cinco questões.

O questionário foi elaborado com o objetivo de analisar a percepção dos sujeitos participantes sobre o conhecimento e importância da avaliação Infantil no processo ensino-aprendizagem. O preenchimento deste instrumento de coleta de dados será realizado pelos sujeitos participantes da pesquisa dando-lhes assim, liberdade e espontaneidade nas respostas, possibilitando-nos uma compreensão crítica dos resultados.

O andamento da observação consentiu em averiguar como os professores avaliam a aprendizagem de seus alunos.

Todos os participantes da pesquisa são do sexo feminino, residem em Bonito de Santa Fé- PB. Quanto a formação. Três tem graduação em pedagogia e dois são especialistas em psicopedagogia.

Para efetuar este trabalho contamos com o método de abordagem dedutiva e optamos pela pesquisa bibliográfica, aquela que tem como princípio básico a pesquisa em outras fontes escritas que discorrem acerca da temática aqui proposta.

4 CONCLUSÃO

A temática desse trabalho monográfico gira em torno da avaliação da aprendizagem levando em conta seus limites e suas possibilidades. Não é tarefa desse texto, percorrer todos esses limites ou essas possibilidades pela grandiosidade de seu tema, mas o que se pretendeu foi estabelecer uma reflexão teórica - crítica acerca dessa problemática.

A avaliação da aprendizagem é uma tarefa necessária do trabalho docente, visto que ela se faz presente constantemente na prática do professor. Ao longo desse trabalho foi dito várias vezes que a maneira como o aluno concebe essa ação avaliativa influencia no seu desenvolvimento e sucesso escolar. Vale ressaltar também que a concepção que o professor tem sobre educação recai sobre a avaliação e dessa forma, essa prática vai ser formativa ou tradicional, elitista e excludente.

Tanto alunos como professores estão sendo avaliados no cotidiano escolar, visto que o sucesso da aprendizagem do aluno depende da competência profissional do professor. Ensino, aprendizagem e avaliação estão interligados e possuem íntima ligação. A avaliação existe para contribuir com o progresso do aluno e ela não pode ser feita sem esse critério. Ela também não pode ser usada contra o aluno, para servir de castigo. A verdadeira avaliação forma o aluno na sua amplitude do ser e leva em conta seus saberes prévios.

Vimos ao longo desse estudo que a avaliação só tem sentido se for contínua, formativa e democrática. Provas ou testes não podem ser considerados avaliação. Como disse “a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas”. A mera aplicação de notas não qualifica a avaliação escolar. Sem sombra de dúvidas há uma constante necessidade de inovar nas práticas de avaliação, resignificar seu sentido e propor novas maneiras de avaliar se o aluno aprendeu os conteúdos veiculados em sala de aula.

A realização dessa monografia nos possibilitou um aprendizado sobre a grande importância da avaliação na formação dos alunos, por ser ela um componente pertinente ao contexto escolar. Foi de extrema valia a leitura desses autores para minha formação docente e tenho certeza que esse trabalho contribuiu para meu enriquecimento pessoal e profissional. Os resultados dessa monografia indicam que a avaliação possui muitos limites

impostos pelo professor ao mesmo tempo ela vislumbra uma enorme variedade de possibilidades no tocante a promoção de uma avaliação formativa, construtiva e benéfica ao aluno.

Esta pesquisa permitiu também identificar algumas barreiras que impedem a compreensão da avaliação como algo positivo para a aprendizagem dos alunos. Dentre elas podemos citar a visão da avaliação como algo instituído para que seja cumprido à risca pelo professor ou que ela seja simplesmente o registro e aplicação de notas. Alguns docentes não aceitam as respostas dos alunos, eles só querem o que está escrito nos livros didáticos e compromete o desempenho da turma. Em alguns casos a avaliação é excludente, elitista, amedronta o aluno. A única manifestação de avaliação para alguns professores é a prova escrita e esse método torna a prática avaliativa enfadonha.

Autores como SANT'ANA defendem [a avaliação diagnóstica](#).

Segundo ela:

Identificar e avaliar o conhecimento que o aluno traz, tanto antes de iniciar o curso, como ao iniciar uma nova prática, mesmo que seja em menor escala, "(...) buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Permite a averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem." (SANT'ANA, 1997, p. 33)

Dentre os obstáculos para realizar uma boa avaliação destaca-se o uso do questionário como metodologia empregada para fazerem os alunos estudarem para a prova,(LIBÂNEO, 1994 p. 200) conceitua essa prática como conteúdistica, decorativa , retrógrada e errada. Outro fator negativo é pensar que a aprendizagem pode ser "medida" "quantificada" por notas.

Uma questão bem pertinente que o texto aponta é que existe atualmente no contexto escolar uma urgência em propor novas maneiras de avaliação nas escolas. Os alunos já não mais aguentam ser submetidos a mesma avaliação tradicional de sempre, é preciso inovar no sentido de transformar velhos métodos em novas práticas de avaliação da aprendizagem e do rendimento escolar.

E o ensino e a aprendizagem vêm passando por significativas mudanças e como diz FREIRE:

Se, na experiência da minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma, e eu objeto por ele formado, me considero um paciente que recebe os conhecimentos- conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 2014, p. 22)

Agora se faz urgente propor outros mecanismos de avaliação, como a auto avaliação uma maneira muito rica de fazer com que o aluno seja responsável por atribuir sua nota, ficando assim comprometido com sua atuação em sala. Pode-se também fazer debates para estimular a criticidade dos alunos, enfim, está posto para os professores uma nova demanda de educação, mais qualificada, mais ativa, e com respeito aos saberes dos alunos. A cidadania hoje aparece na escola como uma proposta para ser formada nos alunos por intermédio dos conteúdos. Nada mais justo que a avaliação esteja com objetivo de formar cidadãos éticos, comprometidos com a sociedade e capazes de inferir seu próprio pensamento. Esse é o novo modelo de educação e conseqüentemente o novo paradigma de avaliação da aprendizagem escolar.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394/96, 8º Ed.. São Paulo, 2013

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 2001

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996

GOMEZ, A.I.Pérez. Como Avaliar os Alunos. Porto Alegre: Atrmed, 1998

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 4a ed. Porto Alegre, 2009.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para Promover. Porto Alegre: Mediação, 2009

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar: Além do autoritarismo. In: Educando, AMAE, 2008

SANT'ANNA, Ilza Martins. Por Que Avaliar? Como Avaliar: critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.